



FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: PUBLICIDADE E PROPAGANDA

JULIANA NARDONI ARAGÃO

**A AURA CONOTATIVA DO ENSAIO FOTOGRÁFICO “NO BIRD CAN FLY
WITHOUT WINGS” - UMA ANÁLISE SEMIÓTICA.**

Brasília/DF, Novembro de 2010

JULIANA NARDONI ARAGÃO

**A AURA CONOTATIVA DO ENSAIO FOTOGRÁFICO “NO BIRD CAN FLY
WITHOUT WINGS” - UMA ANÁLISE SEMIÓTICA.**

Monografia apresentada como um dos requisitos para
conclusão do curso de Comunicação Social do Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB
Orientadora: Úrsula Betina Diesel

Brasília/DF, Novembro de 2010

JULIANA NARDONI ARAGÃO

**A AURA CONOTATIVA DO ENSAIO FOTOGRÁFICO “NO BIRD CAN FLY
WITHOUT WINGS” - UMA ANÁLISE SEMIÓTICA.**

Monografia apresentada como um dos requisitos para
conclusão do curso de Comunicação Social do Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB
Orientadora: Úrsula Betina Diesel

Brasília, 5 de novembro de 2010.

Banca examinadora:

Prof(a). Úrsula Betina Diesel
Orientadora

Prof. Bruno Nalon
Examinador

Prof. André Ramos
Examinador

os ventos que virão...

“Tudo que não deciframos nos devora.”

Norval Baitello Junior

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus e aos meus pais que são pessoas inspiradoras que admiro muito e que desde sempre me apoiaram e me incentivaram de forma maravilhosa em tudo que escolhi fazer! Aos meus irmãos, em especial à minha irmã Tatiana Nardoni, sempre muito companheira e protetora. À minha orientadora, que com seu constante cuidado com as palavras soube me deixar apaixonada pela semiótica desde o terceiro semestre de curso. A minha linda e eterna “vózinha” Maria Cecília por ter sido uma pessoa tão especial em minha vida. Aos meus amigos que tornam meus dias mais agradáveis e divertidos, em especial à Natasha Funes que a cada dia me convence ser uma grande amiga para se ter ao lado o resto da vida. E a todas as pessoas que de alguma forma passaram pela minha vida e contribuíram para a construção de quem sou hoje.

RESUMO

A fotografia se tornou algo tão acessível que ganhou um espaço muito grande em nosso dia-a-dia. Somos bombardeados diariamente não somente pela fotografia, mas pela imagem no geral. Com isso, passamos a não digerir o que olhamos. É tanta coisa que tudo acaba passando despercebido. O grande desafio hoje, é conseguir fazer as pessoas pararem, olharem, respirarem fundo e sentir. Entender o que há por trás das coisas. Esta monografia tem como finalidade analisar as fotografias do editorial “No bird can fly without wings” a partir da sua redefinição de imagem, explicitando a “aura conotativa” que as envolve. Para realizar tais análises, foi preciso levantar estudos sobre a civilização e semiótica da imagem, fotografia, moda, ilustração e, principalmente, a produção de sentido e a interpretação das imagens a partir dos estudos de Roland Barthes, um dos principais nomes da semiótica.

Palavras-chave: Fotografia. Moda. Ilustração. Semiótica. Produção de sentido.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Sistema Semiológico Segundo.....	21
Figura 2: Capa do Editorial.....	27
Figura 3: Segunda Fotografia do Editorial.....	30
Figura 4: Terceira Fotografia do Editorial.....	33
Figura 5: Quarta Fotografia do Editorial.....	35
Figura 6: Quinta Fotografia do Editorial.....	37
Figura 7: Sexta Fotografia do Editorial.....	40
Figura 8: Última Fotografia do Editorial.....	42
Quadro 1.....	28
Quadro 2.....	31
Quadro 3.....	33
Quadro 4.....	35
Quadro 5.....	37
Quadro 6.....	40
Quadro 7.....	42
Quadro 8.....	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 Tema	9
2 Delimitação do tema	9
3 Justificativa	10
4 Objetivos.....	10
4.1 Objetivo Geral.....	10
4.2 Objetivos Específicos	10
5 Metodologia	10
6 REFERENCIAL TEÓRICO	13
6.1 A civilização da imagem	13
6.2 A semiótica das imagens	15
6.3 A fotografia “artística”	16
6.4 A fotografia de moda	19
6.5 A aura conotativa das fotografias	20
6.6 Ilustração	22
7 ENSAIO	25
8 ANÁLISE	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Desde a origem da fotografia, esta arte de desenhar com a luz causa o maior frisson. Por sua capacidade de congelar o momento. É uma forma de manter vivo o que já não existe mais. Aquilo que já passou, já morreu. Mas na fotografia está presente. É uma forma de fugir da morte.

Devido a sua grande evolução, a fotografia ganha cada vez mais espaço em diversas áreas com funções variadas.

Mas, para a fotografia se tornar tudo que ela é e passa ser é preciso observá-la com atenção, olhar os minuciosos detalhes, ver além do que se vê. Muitas vezes essa “análise” é quase que automática quando olhamos determinada fotografia e concluímos determinado sentimento, conceito, percebendo assim sua “aura”.

1 Tema

A aura conotativa do ensaio fotográfico “No birds can fly without wings” – uma análise semiótica.

2 Delimitação do tema

Em agosto de 2009, com a grande vontade de produzir ensaios fotográficos autorais e montar um portfólio diferenciado no mercado, eu criei a concepção do ensaio “No birds can fly without wings”. Foi todo inspirado no trabalho do artista plástico e designer Jean Matos, que mais tarde deixaria de ser somente uma grande referência para se tornar também um grande amigo. O ensaio só foi totalmente concluído um ano depois, em agosto de 2010. Este estudo tem como propósito realizar uma análise semiótica das fotografias que compõem todo o ensaio, explicitando, assim, a aura conotativa das imagens. Tenho total consciência de que estou fazendo uma monografia diferenciada em que analiso um material que eu mesma produzi. E que isso de alguma forma pode interferir na análise e na própria conclusão dela.

3 Justificativa

Desde o início da monografia eu queria fazer uma análise semiótica, mas não sabia qual material analisar. Decidi fazer algo que quase ninguém faz que é analisar um material que eu mesma participei da produção. Com essa análise quero entender um pouco mais do que existe por trás dessa concepção que criei. E mais do que isso. Quero instigar as pessoas a pararem, olharem determinada coisa e refletirem à respeito dela.

4 Objetivos

4.1. Objetivo geral

Coletar dados e referenciais teóricos sobre civilização e análise da imagem, fotografia de moda, fotografia artística e ilustração;

Realizar análise semiótica das fotografias que compõem o ensaio “No birds can fly without wings”.

4.2. Objetivos específicos

Entender melhor as mensagens e conceitos que existem por de trás das fotografias do editorial.

5 Metodologia

A execução deste estudo teve como base de metodologia a pesquisa bibliográfica com objetivo de prover instrumento de análise para a pesquisa. O acesso a livros e artigos relacionados ao foco da pesquisa são fundamentais para que se faça um estudo aprofundado. Além dos livros teóricos, a pesquisa utilizou alguns sites na internet. Este tipo de material serviu para complementar a coleta de material para análise.

A análise das fotografias aqui propostas tem como guia a análise prática feita por Martine Joly em seu livro “Introdução à Análise da Imagem”. Ela vai explicitar a produção da conotação por meio dos significados dos significantes plásticos (quadro, enquadramento, ângulo de tomada, formas, cores e iluminação) e icônicos (elementos

como cabelo, pose da modelo, pele...). No começo de cada análise, serão estruturados dois quadros com os elementos citados acima e em seguida um texto corrido com a análise dos quadros. Depois de analisar todas as fotografias do ensaio será aplicado o quadro de Roland Barthes “Sistema Semiológico Segundo” que sintetiza todo o ensaio fotográfico.

Este trabalho foi formatado segundo as normas previstas pelas ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

6 REFERENCIAL TEÓRICO

6.1. Civilização da imagem

Com a facilidade que o tempo atual nos oferece para reproduzir as coisas tudo se torna mais fácil. Mas isso nem sempre é sinônimo de algo bom. Pois, em muitas dessas transições de reprodução acontece o vazio. E a busca de preencher esse vazio com mais vazios.

Segundo BAITELLO (2006, p. 13)

O advento das imagens repetidas e idênticas que se distribuem no espaço público, inaugura o trânsito das imagens em superexposição à luz. Inaugura-se, com este trânsito, também sua transitoriedade, que por sua vez abre um vazio. E correspondente déficit emocional gerado por sua ausência faz com que novas imagens sejam geradas para suprir a sensação do vazio e iludir a sua transitoriedade por meio de novas transitoriedades.

Ou seja, é o ciclo de uma imagem substituindo a outra somente por substituir, sem embasamento algum.

Segundo BAITELLO (2006, p.14)

Ao invés de democratizar o acesso à informação e ao conhecimento, tal reprodutibilidade fez muito mais esvaziar o potencial revelador e esclarecedor das imagens por meio delas próprias e seu uso exacerbado e indiscriminado.

Quando se tem qualquer coisa que seja em excesso, isso não é valorizado. Existem tantas imagens nos bombardeando dia-a-dia que começamos a olhar e não ver. Escolhemos não ver! Tornar aquilo invisível. “[...] as imagens desgastadas são devoradas por novas imagens que as reciclam.” (BAITELLO, 2006, p.17)

Segundo Dietmar Kamper (1995 apud BAITELLO, 2006, p. 18)

[...] o crescimento exponencial da invisibilidade, não mais por obra do esquecimento deliberado, por obra do descarte, mas antes por atuação excessiva e descontrolada das imagens, pelo descontrolado e pelo excesso da reprodução, portanto, pela sua inflação. Trata-se aqui não mais da fadiga do objeto e seus materiais, mas da fadiga do olhar e seu corpo, provocada pelo desmesurado abuso na reprodutibilidade da imagem.

Só recebemos as imagens e nunca paramos para analisá-las. Acabamos nos satisfazendo apenas em olhar, receber as imagens. Paramos de usar o olhar a distância que nos permite certa reflexão do “todo” à distância. “A era da visibilidade, entretanto, nos transforma a todos em imagens, invertendo o vetor da interação humana, criando a visão que se satisfaz apenas com a visão.” (BAITELLO, 2006, p.30)

Segundo Pross (1981 e 1989 apud BAITELLO, 2006, p.20)

A fadiga se instala no olhar que já não vê o que avista, já não enxerga o que vê, já não anima o que enxerga. Fadigado o grande sentido de alerta, tornam-se os corpos presas fáceis dos monstros de luz e passam a ser devorados pelas imagens, criaturas da luz, da expansão e da conquista, das leis da economia e da economia dos sinais.

Assim, acostuma-se a só perceber algo se for chocante e escandalizar. Pois o nosso senso crítico já está totalmente anestesiado de tanto ver.

Segundo BAITELLO (2006, p.35)

Quando não temos o tempo [...] ocorre uma inversão. Ao invés de as imagens nos alimentarem o mundo interior, é nosso mundo interior que vai servir de alimento para elas, girarem em torno delas, servir de escravo para elas. Transformamo-nos em sombras das imagens, ou objetos de sua devoração. No momento em que não as deciframos, não nos apropriamos delas elas nos devoram.

É esse o tempo que estamos precisando. O tempo de parar para ler um livro, admirar um quadro, interpretar uma poesia, sentir uma música, mergulhar numa imagem e contemplá-la. “[...] tudo que não deciframos nos devora [...] o tempo lento é o tempo da decifração.” (BAITELLO, 2006, p.33) “[...] ou nós devoramos as imagens, ou são as imagens que nos devoram.” (BAITELLO, 2006, p.35)

Segundo BAITELLO (2006, p.37)

Quando sentamos o corpo, sentamos também a nossa base comunicativa, nossa mídia primária e sua capacidade de gerar linguagens e vínculos comunicativos. Assim estamos sedando o corpo, mas ao lado de sedar o corpo, estamos sentando e amansando, domesticando o próprio pensamento. [...] Um pensamento sentado significa um agir acomodado, conformado e amansado, incapaz de sequer decifrar o mundo ao seu redor e menos capaz ainda de atuar de modo transformador.

Cabe a nós, exorcizar esse “pensamento sentado”, esse senso comum, esse olhar e não ver para passar a, enfim, enxergar!

6.2. A Semiótica das imagens

A sociedade atual que vive nas cidades passa o tempo a ler. Mas não é esse “ler” no sentido literal da palavra. No sentido de ler um livro, uma revista. Não. Eles lêem a todo instante principalmente imagens, gestos, comportamentos. E muitas vezes nem se dão conta disso.

BARTHES (1964, p.178)

[...] tal carro me diz o status social do proprietário, tal roupa me diz exatamente a dose de conformismo ou de excentricidade do seu portador, tal aperitivo (uísque, pernod ou vinho branco com cassis) o estilo de vida do meu hóspede. [...] Todas essas “leituras” são importantes demais na nossa vida, implicam demasiados valores sociais, morais, ideológicos para que uma reflexão sistemática não tente assumi-las: é essa reflexão que, por enquanto pelo menos, chamamos de semiologia.

A imagem, em específico a imagem fotográfica nem sempre é uma simples captura do que está à frente da lente da câmera. Muitas vezes olhamos determinada fotografia e não nos damos conta de que muitos dos elementos (em determinados casos, quase todos os elementos ou todos) foram previamente pensados, calculados e estudados.

Segundo JOLY (1996, p.30)

Ainda que as coisas nem sempre tenham sido formuladas deste modo, podemos dizer, agora, que abordar ou estudar certos fenômenos sob o seu aspecto semiótico é considerar o seu modo de produção de sentido, por outras palavras, a maneira como eles suscitam significados, ou seja, interpretações.

Tudo tem significado. Mesmo que seja algo que tenha sido colocado ou aparecido por acaso, aquilo gera um significado. E isso tudo é passível de análise. “[...] a abordagem analítica que aqui propomos depende de um certo número de opções: a primeira é abordar a imagem sob o ponto de vista da significação e não da emoção ou do prazer estético [...]” (JOLY, 1996, p.30)

BARTHES (1964, p.178)

O mundo está cheio de signos, mas esses signos não têm todos a bela simplicidade das letras do alfabeto, das tabuletas do código de trânsito ou dos uniformes militares: são infinitamente mais complicados. Na maioria das vezes, nós os vemos como se fossem informações “naturais” [...]

Roland Barthes diz, em seu ensaio “A cozinha dos sentidos”, que é preciso entrar nessa cozinha. Cozinhando você está criando usando todos os sentidos. Com os ingredientes você faz escolhas, combinações. É a consciência das misturas, das escolhas do processo. Isso tudo faz uma grande diferença no final. Ele diz que “decifrar os signos do mundo sempre quer dizer lutar com certa inocência dos objetos.” (BARTHES, 1964, p.178) Lutar contra a automatização do pensar.

Muitas vezes, parece-nos natural a interpretação do que vemos, das imagens que vemos, mas isso não ocorre de maneira tão simples assim. Apesar de muitas vezes essa interpretação ser muito rápida, nós passamos por dois processos diferentes. A percepção e a interpretação. Primeiro percebe-se determinada coisa, podendo parar por aí, só percebendo mesmo a imagem. Mas, se o processo continuar, em seguida irá interpretar a imagem. Essa interpretação pode variar de pessoa para pessoa de acordo com o seu repertório de vida e o contexto em que a imagem está inserida. “[...] um sentido nunca se pode analisar de modo isolado.” (BARTHES, 1964, p.179) Nada significa só uma coisa. Elas não têm significados por si só. Nós que às significamos. A significação não é algo fixo, é mutável. “[...] pode-se dizer que estamos, nós, homens do século XX, numa civilização da conotação [...]” (BARTHES, 1963, p.200)

Segundo BARTHES (1964, p.179)

[...] de fato descobrimos cada vez mais a importância e a extensão da significação no mundo; a significação torna-se o modo de pensar do mundo moderno, algo como o “fato” constituiu precedentemente a unidade de reflexão da ciência positiva.

6.3. A fotografia “artística”

Gabriel Bauret, em seu livro “A fotografia: história, estilos, tendências e aplicações,” fala da fotografia como uma arte aplicada e divide essa arte em três

tópicos. A fotografia de moda, a fotografia publicitária e a fotografia dita artística. Segundo Bauret, a fotografia de moda se restringe a fazer o que o editor da revista, estilista ou o próprio diretor de arte conceber.

BAURET (1992, p.70)

Embora algumas redações tentem ainda, por todo o mundo, favorecer uma fotografia de moda criativa, é necessário reconhecer que as coisas mudaram, porque as leis do mercado agora são diferentes. Atualmente, na maioria dos casos, o pormenor do vestuário está muitas vezes em primeiro plano nas preocupações do fotógrafo, e a sua margem de intervenção pessoal é muito reduzida; a menos que ela seja explorada, repetida até ao esgotamento de qualquer efeito.

Bauret diz ainda que a fotografia publicitária segue a mesma lógica da fotografia de moda. De ser algo encomendado. Do fotógrafo ficar à mercê de pessoas superiores a ele. Preso nas ideias e conceitos do diretor de arte da agência. “[...] as agências que definem e regulam as diferentes operações permitem ao fotógrafo dispor de incomparáveis meios de expressão. Mas nem por isso se trata de utilizar todas as liberdades de criação.” (BAURET, 1992, p.71)

BAURET (1992, p.72)

Isto explica o fato de o fotógrafo, em muitos casos, se transformar num artesão anônimo e escrupuloso, num executante encarregado de materializar da maneira mais neutra possível, quer dizer, limitando as suas ambições e o seu gosto pela experiência, uma imagem concebida pelos “criativos” das agências; estes, por sua vez, operam segundo as indicações dos “comerciais”, atentos não só aos desejos dos seus clientes, mas também às características do mercado e à prática dos consumidores. [...] A imagem publicitária tornou-se uma obra coletiva; ela diz muito mais sobre uma determinada sociedade do que sobre aquele a quem foi encomendada.

Por fim ele diz que somente na fotografia artística o fotógrafo pode se considerar completamente autor de sua foto, já que ela é fruto de seu trabalho sem interferência de terceiros.

Mas nem todos os autores concordam com o ponto de vista que Bauret expõe. No livro “Making of - Revelações sobre o dia-a-dia da fotografia”, de Newton Cesar e Marco Piovan, mostram diversas entrevistas feitas com vários fotógrafos brasileiros renomados em que eles respondem perguntas sobre o

cotidiano de seus trabalhos. O primeiro fotógrafo a falar sobre fotografia X arte é Marcos Magaldi, é fotógrafo a 30 anos e considerado um dos principais nomes da fotografia publicitária.

Segundo Marcos Magaldi (apud CÉSAR, 2003, p.196)

Eu diria que certas fotografias possuem uma carga de inovação que as tornam interessantes. Essa inovação pode provocar o público a ponto de tirá-lo do lugar comum. Portanto, qualquer foto inovadora pode ser arte. [...] Independente do segmento, se a fotografia ultrapassa o discurso mediano, pode ser “arte”.

J.R Duran (renomado fotógrafo famoso por seus editoriais fotográficos na revista Playboy) é outro entrevistado que também defende essa ideia.

J.R. Duran (apud CÉSAR, 2003, p.214)

Michelangelo pintou a Capela Sistina por encomenda do Papa. Foi o primeiro trabalho publicitário, com a diferença de que não havia um layout: ele teve total liberdade de criação. Incomoda a mim a premissa terrorista nos fotógrafos, ao mesmo tempo contraditória, do pagamento. Se é encomenda, trabalho estabelecido, acham que 100 por cento da foto não é dele. Eu não estou nem aí. Sou pago e tenho que fazer o melhor possível. E mais, eu acho legal o que faço, dou graças por isso. Então, esse é um processo que vejo pelo lado inverso. Assim, vou tentar fazer todo o trabalho virar um processo tendo como referencia um padrão artístico, mesmo diante da encomenda. O que é publicidade? O editorial? Seja o que for, é obvio que não estamos fazendo um livro, nem uma exposição, mas poderíamos pensar como se os estivéssemos fazendo. Talvez seja este o grande segredo, ou seja, pense livremente, mesmo que você se sinta enjaulado na situação.

Para Bob Wolfenson (apud CÉSAR, 2003, p.246) fotografia é arte “quando é tocante, quando diz alguma coisa, quando se relaciona com o espectador, quando o sujeito que vê sente-se impelido por ela, estabelece alguma relação. É arte quando quem vê se emociona, se transforma.”

O importante, é que cada um vê o mundo de uma maneira e o fotógrafo também é assim. A câmera é só um instrumento entre tantos outros instrumentos utilizados para externar conceitos, ideias, sentimentos. “[...] a fotografia, seja qual for, exige do fotógrafo, antes e mais importante do que o conhecimento, a criatividade, a sensibilidade e o talento de ver o mundo e expressá-lo de maneira que os nossos olhos não são capazes de ver.” (CÉSAR, 2003, p.23)

6.4. A fotografia de moda

Antes de falar um pouco sobre a fotografia de moda, é necessário saber o que é moda. A palavra “moda” vem do latim *modus* e significa “modo”, “maneira”, comportamento.

Segundo BAURET (1992, p.71):

A moda se confunde com modo de vida. Mais do que verdadeiras representações de vestuário, o que se propõe são ambientes. Em determinados setores da sociedade atual, não é tanto o vestuário que faz a moda, mas sim o *look*, que dizer, a aparência, a imagem.

Se pensarmos em como as pessoas se vestiam na década de 60 e 80 e depois compararmos as duas décadas veremos grandes mudanças em diversas coisas e a moda está inclusa nessas mudanças. Podemos dizer então que essas mudanças, transformações são a moda. O mais interessante é que através da “moda” tratada como vestimenta podemos perceber as mudanças de uma sociedade, sendo possível entender um grupo ou até mesmo um país.

Segundo o filósofo Manuel Fontán de Junco (apud <http://www.vivaitabira.com.br>) “A moda é uma arte que se usa, que se leva para a rua; é uma arte de consumo a que todos têm acesso”.

Agora podemos discutir sobre a fotografia de moda com mais coerência.

Para CESAR (2003, p.39) fotografia de moda é:

Dito de forma simples, tudo o que for usado como peça de vestuário e for fotografado é foto de moda. Lingerie, maiôs, biquínis, vestidos, blusas, calças, sapatos e acessórios. Tudo isso no corpo da modelo, sendo fotografado, é moda. Todavia, a fotografia de moda é bem mais complexa. Além dos desfiles, pode-se fazer fotos de catálogos – lançamento de novas grifes e tendências, editoriais de revistas e até anúncios. Puxe pela memória e logo será possível lembrar de peças publicitárias da M.Officer, da Ellus, da Forum. Embora anúncios, as fotos são de moda, não publicidade.

Fotografia de moda está ligado a produção, e muita! São diversos profissionais envolvidos neste trabalho. Profissionais de várias áreas. Como maquiadores, cabeleleiros, produtores de moda, stylists, modelos e assistentes. Há fotos em que não é necessário uma equipe tão grande e há fotos em que

chega a ser necessário uma equipe até maior. Às vezes são gastas horas de produção para enfim o fotógrafo começar a realmente fotografar, chegando a ser muito cansativo para toda a equipe, principalmente se as fotos forem externas, debaixo do sol.

Tudo é muito bem pensado na fotografia de moda. Existe um conceito por trás dela. No geral quem cria o conceito da fotografia é o stylist. Ele é o profissional que sabe das tendências de moda. Que pesquisa e vive atento ao que está acontecendo no momento. Com isso, sabe exatamente o que é interessante de se produzir. Mas, nada disso é feito sem a adesão dos outros profissionais da equipe. Eles, em sua determinada área, opinam a respeito.

Cesar discute também sobre os books. Se são considerados ou não fotografia de moda. Diz que a maioria dos fotógrafos não considera book como sendo foto de moda mas que na visão dele é.

CESAR (2003, p.40)

Ora, se pensarmos na modelo que está iniciando sua carreira e precisa das fotos para entrar na moda, então a foto é de moda. A fotografada está começando sua carreira de modelo, as fotos foram solicitadas pela agência de modelos, a modelo está vestida. A foto, neste caso, é de moda.

Gabriel Bauret fala a respeito da grande “impulsividade” eufórica que pode acontecer no meio de uma sessão de fotos. O fotógrafo se envolve tanto com a locação escolhida e o modelo que acaba se deixando levar pela sua criatividade. Esquecendo um pouco as regras e caindo na delícia que é trabalhar em algo realmente gratificante e prazeroso.

BAURET (1992, p.69):

Num impulso relativo de vulgarização, a fotografia de moda saiu dos estúdios para descer à rua e os modelos, fotografados por criadores de imagens inspirados pelos repórteres, misturaram-se aos transeuntes. A liberdade assumida pelos fotógrafos é, por vezes, tão grande que o vestuário não passa de um simples pretexto e a encomenda de um incentivo para desenvolver e manter idéias originais.

6.5. A aura conotativa da fotografia

Roland Barthes, em seu livro “A aventura semiológica”, explica o conceito de “significante” como sendo um plano de expressão e o “significado” como um plano de conteúdo. O significado é o que se configurou em minha mente a partir do momento que percebo algo. O significante e o significado estão totalmente ligados. Barthes divide o “significado” em dois patamares: o denotativo e o conotativo.

BARTHES (1963, p.197):

Sabe-se que toda mensagem é a reunião de um plano de expressão ou significante, de um plano de conteúdo ou significado. Ora, se se examina uma frase publicitária (a análise seria idêntica para textos mais longos), vê-se logo que tal frase contém na realidade duas mensagens...

Segundo ele, o significado denotativo “[...] é uma mensagem global, e tira essa globalidade do caráter singular de seu significado [...]” (BARTHES, 1963, p.199), “[...] é constituída por uma frase tomada em sua literalidade [...]” (BARTHES, 1963, p.198). Já o significado conotativo tem uma alta dependência com o contexto. Tem um caráter analítico. Se usarmos como exemplo o objeto cadeira ele vai ser o mesmo sempre mas a significação conotativa pode mudar de acordo com o contexto. Significando arma, segurança, sentar, apoiar. “[...] esse significado é de algum modo o fundo da mensagem, esgota inteiramente a intenção de comunicação: a finalidade publicitária está atingida no momento em que essa segunda mensagem é captada.” (BARTHES, 1963, p.199).

O processo de conotação pode ser explicado pelo seguinte quadro do “Sistema Semiológico Segundo” de Barthes:



Figura 1 – Sistema Semiológico Segundo. (BARTHES, 2003 p. 158)

Pegando como exemplo “papel branco A4”, em um primeiro momento, seu significante será papel: lâmina, branca, retangular e seu significado, no âmbito denotativo, será: substância constituída por elementos fibrosos de origem vegetal, os quais formam uma pasta que se faz secar sob a forma de folhas delgadas. Passando para o âmbito conotativo, “papel” pode estar atribuído a idéia de escrever, imprimir, embrulhar etc, dependendo do contexto em que se encontra.

Entretanto não é bem assim que o processo acontece na verdade. Não necessariamente se passa por essas etapas nesta ordem. O mais normal é pular o nível do significante (papel: lâmina, branca, retangular...) e o significado denotativo (substância constituída por elementos fibrosos de origem vegetal, os quais formam uma pasta que se faz secar sob a forma de folhas delgadas.) e irmos imediatamente para o significado conotativo (escrever, imprimir, embrulhar). “A aura conotativa”!

Barthes fala muito sobre isso em seu ensaio “A Mensagem Publicitária”. Sobre essa manifestação imediata da conotação.

BARTHES (1963, p.200):

Esse fenômeno de “desgarramento” ou de “conotação” é de grande importância, e muito além do fato publicitário em si mesmo: parece, na verdade, que ele está estreitamente ligado á comunicação de massa (cujo desenvolvimento em nossa civilização se conhece): quando lemos o jornal, quando vamos ao cinema, quando resvalamos os olhos sobre a embalagem do produto que compramos, é quase certo que nunca recebemos e captamos outra coisa que não sejam mensagens conotadas.

Entretanto a condição do significante faz parte e interfere na conotação. Como por exemplo, a grande diferença que existe entre escolher se comunicar com imagens fotográficas ou com ilustrações.

6.6. Ilustração

Se pesquisarmos em dicionários o que é ilustração o conceito geral que se encontra é que ilustração é toda imagem, desenho ou fotografia, que serve para ilustrar algo. Sim, a fotografia também é considerada uma ilustração uma vez

que é imagem e serve para ilustrar algo. Mas não é muito comum chamar fotografia de ilustração. Normalmente ligamos a palavra ilustração somente ao desenho, independente da técnica de acabamento.

A ilustração normalmente tem a função de acrescentar ou sintetizar informações, explicar e até mesmo decorar um texto. Mas existem ilustrações independentes de qualquer elemento. Onde ela se torna a “atração principal”, é a informação mais importante. Como, por exemplo, livros infantis em que não há textos, somente imagens e quadrinhos compostos também somente por imagens.

Na comunicação a ilustração sempre teve uma enorme aceitação. Na televisão, nos jornais, internet, cinema e livros ela aparece de forma relevante e sedutora. Chamando muito a atenção do espectador para ela. Fora do âmbito da comunicação ela também tem seu espaço garantido independente da técnica utilizada. Tornando o dia-a-dia mais atraente.

O fato de ser uma ilustração não significa que ela não seja arte. Ela é uma outra forma de expressão dentro das artes plásticas. Sendo assim, a ilustração é uma outra maneira de comunicar, de se expressar artisticamente.

Com o grande advento da tecnologia a ilustração mudou radicalmente. Nas décadas de 40 e 50 a ilustração tinha como base somente a tinta à óleo e o guache, tudo no pincel. Com a chegada dos anos 70 e 80 veio à ajuda do aerógrafo. E, finalmente, o que mudaria completamente a ilustração, na década de 90 surge o computador. A chegada do computador com diversos softwares de manipulação fotográfica influenciou e modificou a maneira de se criar ilustração. O computador se tornou peça imprescindível para o dia-a-dia de um ilustrador, pois com ele veio à grande facilidade e rapidez de se ilustrar. (www.guiadoilustrador.com.br).

Já que estamos falando de ilustração e anteriormente discutimos muito sobre fotografia é interessante fazer o paralelo entre a diferença da ilustração e

fotografia. A fotografia tem um âmbito mais real. Como se alguém tivesse visto algo, pego a máquina e registrado. Parece que o que está fotografado é aquilo, é o real e nada mais. Já a ilustração que é um desenho feito por alguém não nos dá tanto essa noção de ser algo real. Temos mais a conotação de que por alguém ter feito aquilo estão querendo nos dizer algo a mais. Ela meche mais com o nosso imaginário.

7 ENSAIO

Desde o ensino médio do colégio o meu interesse por moda, fotografia e arte juntos é muito grande. No começo imaginava que teria que escolher uma dessas áreas para trabalhar. A moda sempre foi algo que gosto desde pequena. Ainda criança todos comentavam a respeito da minha grande vaidade. Minha avó na época vendia produtos da Natura e eu ficava estonteante quando ela me dava um batom de presente. Pronto, queria ser modelo! A fotografia sempre foi também algo presente em minha vida tendo em vista que meu pai é um amante desta arte. Sempre fotografou muito e investiu nisso. O tempo vai passando, nós crescendo e os gostos se adaptando. No ensino médio, quando comecei a estudar os movimentos artísticos, as artes plásticas ganharam um enorme espaço em minha vida. Sempre muito ambígua e sem respostas aparentes, ela me conquistou. No final do terceiro ano o grande dilema: qual curso escolher? Estava apaixonada pelas artes plásticas mas meu grande amor sempre foi a moda. E ainda tinha a “amante” inseparável: a fotografia. Em Brasília não existia curso superior de fotografia e os cursos de moda eram muito recentes. Na época sair da cidade era algo incogitável. Pensei então em fazer artes plásticas mas, por existir o preconceito que o curso de artes plásticas carrega e por não ter muitas habilidades desenvolvidas nesta área, decidi fazer comunicação. Desde o começo do curso sabia que não queria trabalhar com comunicação, mas que seria um curso que me acrescentaria muitas coisas. Já no segundo semestre consegui um emprego de assistente de um fotógrafo de moda da cidade. Dudu Lima. Ele era bem novo, mas já estava no mercado há algum tempo e já possuía muitos contatos. Um dia, fotografando books para uma agência de modelos da cidade percebi que não queria ser fotógrafa mas sim fazer o que a produtora de moda fazia. Ela pegava roupas emprestadas nas lojas, montava os looks e vestia as modelos. Conheci muita gente da área neste trabalho e rapidamente as pessoas perceberam o meu interesse e habilidade mais voltada à moda. Deixei de ser assistente e comecei então aos poucos a produzir books. Mas, produzir books não era o suficiente para mim. Eu queria não só produzir mas como criar e colocar de alguma forma a arte dentro disso. Foi então que descobri a profissão de Stylist. Stylists são profissionais altamente especializados. Precisam ter um repertório que permeia o design, as artes, a música, conhecimento técnico em fotografia

e efeitos visuais. Devem saber identificar tendências comportamentais e de moda, conhecer o mundo das celebridades, localizar novos talentos, buscar o inusitado, e ainda, desenvolver imagens surpreendentes. Já os produtores de moda são conhecidos como “sacoleiros fashion”, por carregarem, literalmente, sacolas e mais sacolas de roupas. São eles que descolam aquelas peças que o stylist tanto precisa para montar o look perfeito. A partir de então comecei a estudar muito por conta própria para me tornar uma Stylist. Veio então a vontade de produzir editoriais de moda. Mas editoriais que tivessem um diferencial entre tantos que estavam sendo produzidos na cidade. Foi aí que juntei moda, arte e fotografia. Em 2009 já havia feito alguns editoriais de moda autorais seguindo esta linha de “moda-arte”. E em agosto vendo o flickr (www.flickr.com/photos/jeemas) de Jean Matos, um artista plástico e designer daqui de Brasília que me influencia bastante, resolvi fazer um editorial inspirado nos desenhos dele. Criei todo o conceito do editorial, escolhi a modelo (Bárbara Isquierdo), o fotógrafo (João P. Teles). E então entrei em contato com todos eles. O ensaio só foi totalmente concluído um ano depois por diversos motivos.

8 ANÁLISE

A análise das fotografias aqui propostas tem como guia a análise prática feita por Martine Joly em seu livro “Introdução à Análise da Imagem”. Ela vai explicitar a produção da conotação por meio dos significados dos significantes plásticos (quadro, enquadramento, ângulo de tomada, formas, cores e iluminação) e icônicos (elementos como cabelo, pose da modelo, pele...). No começo de cada análise, serão estruturados dois quadros com os elementos citados acima e em seguida um texto corrido com a análise do quadro.

A seguir a capa, primeira foto, do editorial. O editorial ainda não foi publicado em nenhum veículo, mas a ideia é mandá-lo para alguma revista online ou site internacional que tem o hábito de publicar materiais como esses, com alto teor artístico e conceitual.



Figura 2 – Capa do Editorial, 2010.

Significantes Plásticos	Significados
Quadro (moldura)	Ausente, fora de campo: ilimitado.
Enquadramento	Fechado: proximidade, detalhe.
Ângulo da tomada	Frontal / espectador no mesmo nível do objeto fotografado: diálogo.
Formas	Linhas curvas: leveza, movimento e feminilidade. Forma aguda: imponente, viril, majestosa.
Cores	Frias: Leveza, tranquilidade, liberdade. Dessaturadas: Melancolia, doce tristeza, frieza.
Iluminação	Artificial, difusa, ilumina a cena de forma irregular: Fantasia.

Significantes Icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
Busto de mulher	Mulher	Guerreira
Cabelo esvoaçante	Cabelo ao vento	Esvoaçante, liberdade, leveza, elétrico.
Pele	Pele nua	Sem disfarce, simples, sutil, carente.
Pose da modelo	Olhar	Distante, perdido, frio.
Ilustração	Diamante, cristal	Dureza, limpidez, luminosidade, clareza, irradiação, glória, perfeição, maturidade, imortalidade.

Quadro 1

A fotografia não é circunscrita por uma moldura; Ela parece cortada, interrompida pelas bordas dela, dando a noção de continuidade. O enquadramento fechado assim como o ângulo de tomada frontal aproxima o espectador do objeto fotografado de forma equivalente, como se nós estivéssemos no mesmo patamar que a modelo, dando a noção de diálogo. Quanto às formas, percebemos que há um sistema de oposição: temos linhas curvas em contraponto com formas agudas. Temos os conceitos de leveza, movimento e feminilidade em contraste com os conceitos de imponência, majestoso e virilidade. As cores utilizadas na fotografia são quase que imperceptíveis. Se olhada rapidamente pode-se confundir com uma fotografia preto e branco. As cores são frias e muito dessaturadas. A cor fria remete a leveza, tranquilidade e liberdade, mas ao aplicar a dessaturação essas cores elas passam a conotar um outro sentido. Um sentido mais pesado. Melancólico, frio, de uma doce tristeza. A iluminação difusa é artificial, feita com luzes artificiais em um estúdio fotográfico, deixando a modelo com partes do seu corpo muito bem iluminadas e outras escondidas, dando a impressão de ser algo que remete à fantasia, algo fictício.

A modelo representa a mulher. Mas não a mulher doce, frágil e sim a mulher guerreira, batalhadora que luta para ser quem ela é e quer ser. O cabelo esvoaçante conota liberdade, leveza e também eletricidade. Estabelecendo novamente um sistema de oposição. A pele nua da modelo é um elemento muito importante neste editorial, pois ele está sempre presente em todas as fotografias. De acordo com a pose da modelo e o enquadramento esta nudez fica mais ou menos evidente. Nesta fotografia, por exemplo, a nudez é pouco evidente por causa do enquadramento fechado e dos cabelos da modelo. Apesar da modelo estar nua em todas as fotografias muitas partes do corpo dela são escondidas, não deixando assim em nenhum momento a nudez à mostra por completo. Essa nudez é sempre sutil. A noção de pele nua nos remete a uma pessoa que está desprovida de disfarce, que é sincera, simples mas ao mesmo tempo carente. O olhar da modelo também é muito importante. Notamos que ele está distante, perdido, frio. Esta mulher parece com o pensamento longe em outra coisa que não o que está próximo. Está alheio, distraído. A ilustração que compõe a fotografia se encontra no meio da testa da modelo e entre seus olhos. Representa um diamante estilizado. Jean Chevalier, em seu dicionário de símbolos, explica conotações ligadas ao símbolo diamante.

CHEVALIER (1982, p.338):

Suas excepcionais qualidades físicas, de dureza, limpidez, luminosidade, fazem do diamante um símbolo maior da perfeição, mesmo que o seu brilho não seja considerado unanimemente como benéfico.

A mineralogia tradicional da Índia diz que ele nasce da terra sob a forma de um embrião, de que o cristal constituiria um estado de maturação intermediário. O diamante está maduro, o cristal está verde. O diamante é, mesmo, o auge da maturidade. Trata-se, então, de uma realização perfeita e acabada, que a alquimia hindu utiliza, ela mesma, simbolicamente, associando o diamante à imortalidade, identificando-o à Pedra filosofal.

Há duas mensagens linguísticas nesta foto. O título do editorial “No bird can fly without wings” e os créditos das pessoas que participaram do editorial com suas devidas funções. O título e os créditos estão escritos em inglês pois, como já citado, a ideia é mandar o editorial para um site internacional e o inglês é a língua mais conhecida universalmente. Nas duas mensagens linguísticas foi utilizada a mesma fonte: Uma fonte extra fina, com linhas agudas e arredondadas, sem serifa e sempre em caixa alta. Os créditos vem em tamanho bem pequeno como se fosse uma legenda na parte inferior esquerda da foto. O tamanho dos créditos para com a fotografia dá a

noção de que aquela informação não é tão importante quanto às demais coisas inseridas na fotografia. Os tamanhos das fontes funcionam como indicadores de que uma informação é mais importante que a outra. A cor dos créditos é um branco translúcido que faz com que a legenda se misture com a foto tornando-a quase imperceptível. A cor do título, apesar de também ser branca, não é tão translúcida como a dos créditos, deixando assim a frase em maior destaque. Esse conjunto de itens dão a noção de algo leve, translúcido, claro, simples, puro, tranquilo, mas ao mesmo tempo rígido. O título do editorial em português significa “Nenhum pássaro pode voar sem asas”. Ao escrever isso entendemos que não conseguimos nada sem a ajuda de algo ou alguém. Essa frase tem total relação com todo o editorial e seu significado. Pois ao longo das fotografias vemos elementos como pássaros, asas, noções de voar, flutuar, esvoaçar, ser leve e ao mesmo tempo estar preso. Toda a parte linguística exerce função de revezamento com relação à parte visual da fotografia, pois as partes linguísticas dizem algo que não conseguimos detectar na imagem.



Figura 3 – Segunda Fotografia do Editorial, 2010.

Significantes Plásticos	Significados
Quadro (moldura)	Ausente, fora de campo: ilimitado.
Enquadramento	Meio corpo: parcial proximidade, detalhe.
Ângulo da tomada	Frontal, espectador no mesmo nível do objeto fotografado: diálogo.
Formas	Formas agudas, linhas retas: Imponente, viril, majestosa, agressiva, resistente. Linhas curvas: Leveza, movimento e feminilidade.
Cores	Frias: Leveza, tranquilidade, liberdade. Dessaturadas: Melancolia, doce tristeza, frieza.
Iluminação	Artificial, difusa, ilumina a cena de forma irregular: Fantasia.

Significantes Icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
Mulher	Mulher	Guerreira, resistente.
Cabelo	Cabelo	Sem movimento, sem sensibilidade, apagado.
Pele	Pele nua	Sem disfarce, simples, sutil, carente.
Rosto	Expressão facial	Cansada, gasto, vago, questionamento.
Pose da modelo	Braços dobradas voltados para cima com uma corrente prendendo-os	Prender, conter, sofrer, reprimir
Corrente	Corrente	Prender, união, necessidade de adaptação, ligação.
Ossos	Magreza	Insuficiente, frágil, quebradiço, delicado, pouco estável, efêmero.

Quadro 2

O enquadramento continua fechado mas uma certa distância foi dada entre o fotógrafo e a modelo pois ela se encontra um pouco mais distante que a primeira foto. Quanto às formas percebemos que desta vez as formas agudas e linhas retas estão bem mais evidentes do que na primeira foto. Trazendo assim conotações mais carregadas à foto como agressividade, resistência, imponência, majestosa e virilidade. Os conceitos de leveza, movimento e feminilidade ficam por conta das poucas formas curvas aparentes. O cabelo muda completamente na segunda fotografia. O que era esvoaçante agora se encontra completamente estático. Sem movimento. Conotando falta de sensibilidade, algo quase que morto, apagado. A pele da modelo permanece nua. Desta vez de forma bem mais evidente do que na fotografia anterior por causa do enquadramento parcialmente fechado. Essa nudez como dito anteriormente é sempre sutil. Remetendo-nos a uma pessoa que está desprovida de disfarce, que é sincera,

simples, mas ao mesmo tempo carente. A expressão facial da modelo é muito marcante nesta foto. Ela aparece com um olhar de questionamento, mas que está vago, distante. Dando a impressão de que ela está cansada mas ainda assim se questiona. A modelo se encontra com os braços dobrados voltados para cima com uma corrente prendendo-os. Esta expressão corporal nos indica que esta mulher de alguma forma está contida em si, reprimida, presa. Está sofrendo. Temos também o símbolo “corrente” muito presente nesta foto. Visto até como parte principal dela. Jean Chevalier explica sobre este símbolo.

CHEVALIER (1982, p.292):

Existem referências, em alguns textos irlandeses, a guerreiros que combatem acorrentados uns aos outros. O simbolismo é o do deus com liames, Ógmios, que é por definição, o campeão e o deus da guerra.

Uma corrente atava a língua de Ógmios às orelhas daqueles que o escutavam: isso simboliza o deus da palavra, que prendia seus ouvintes com a corrente de sua eloquência. De modo geral, a corrente (ou cadeia) é símbolo dos elos da comunicação, de coordenação, de união, conseqüentemente, do casamento, da família, da cidade, da nação, de toda coletividade, de toda ação comunitária. Faz-se a corrente com as próprias mãos. Em um sentido sociopsicológico, a corrente simboliza a necessidade de uma adaptação à vida coletiva e a capacidade de integração ao grupo. Marca uma fase de evolução ou da involução pessoais [...]

Na fotografia os ossos da modelo estão muito evidentes. No rosto, no colo, nas mãos e no cotovelo. Isso remete imediatamente à magreza. Que nos remete a uma pessoa delicada, quebradiça, pouco estável. A todo momento percebemos que nos significantes icônicos achamos conotações opostas entre si. Há sempre um contraste entre coisas distintas. Deixando tudo um pouco dúbio, ambíguo.



Figura 4 – Terceira Fotografia do Editorial, 2010.

Significantes Plásticos	Significados
Quadro (moldura)	Ausente, fora de campo: Ilimitado.
Enquadramento	Meio corpo: Parcial proximidade, detalhe.
Ângulo da tomada	Frontal, espectador no mesmo nível do objeto fotografado: Diálogo.
Formas	Linhas curvas: Movimento, feminilidade, leveza. Linhas retas: Viril, agressiva, resistente.
Cores	Frias: Leveza, tranquilidade, liberdade. Dessaturadas: Melancolia, doce tristeza, frieza.
Iluminação	Artificial, difusa, ilumina a cena de forma irregular: Fantasia.

Significantes Icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
Mulher	Mulher	Guerreira
Cabelo	Cabelo	Volumoso mas sem movimento, de grande importância, forte, intenso.
Magreza	Magreza	Insuficiente, frágil, quebradiço, delicado, pouco estável, efêmero.
Pele	Pele nua	Simples, sutil, carente.
Rosto	Olhar	Desconfiado, temeroso.

Máscara	Máscara	Liberdade, revelação, proteção, transformação, mediação, disfarçe, sair da realidade.
---------	---------	---

Quadro 3

O enquadramento nesta foto é o mesmo da anterior. Parcialmente fechado. Deixando a modelo em partes próxima. Quanto às formas não é identificado nenhuma forma aguda muito evidente. Mas as linhas retas ainda estão presentes. Essas linhas trazem conotações de virilidade, agressividade e resistência à modelo. Mas a forma que predomina desta vez são as linhas curvas. Que dão noções de movimento, feminilidade e leveza. Formando assim novamente um sistema de oposição. Entre as linhas curvas e as linhas retas que são opostas. O cabelo se modifica. O que já foi esvoaçante, e estático agora se torna volumoso mas ainda sim sem movimento como na fotografia anterior. Esse volume dado ao cabelo dá grande importância a ele. Mostra que uma certa força cresceu dentro dela. Algo está mais intenso, vivo. Nesta fotografia a mulher já não está desprovida de disfarçe pois ela utiliza em cima de seu rosto uma máscara. A noção de pele nua então vai nos remeter a algo simples e carente. O olhar da modelo nesta fotografia também é bem relevante. Ela está olhando com os cantos dos olhos para o lado sem virar o rosto. Isso indica que esta mulher está desconfiada, temerosa de algo. O símbolo mais evidente desta foto é a “máscara” e Jean Chevalier detalha esse símbolo dentro de diversos mitos e costumes.

CHEVALIER (1982, p.596):

[...] A máscara não esconde, mas revela, ao contrário, tendências inferiores, que é preciso pôr a correr. Nunca se utiliza nem manipula a máscara impunemente: ela é objeto de cerimônias rituais, [...] As máscaras às vezes se revestem de um poder mágico: elas protegem aqueles que as usam contra os malfeitores e os bruxos; inversamente, elas também servem aos membros das sociedades secretas para impor sua vontade assustando. [...] A máscara transforma o corpo do dançarino que conserva a sua individualidade e, servindo-se dele como suporte vivo e animado, encarna um outro ser: gênio, animal mítico ou fabuloso, que é assim momentaneamente figurado; desse modo, o poder é mobilizado. [...] A máscara visa dominar e controlar o mundo invisível. [...] A máscara é mediadora entre as duas forças e indiferente em relação a qual delas vencerá a luta perigosa entre o cativo e o captador. [...]

Nesta fotografia, vale falar também sobre onde a modelo se encontra em relação ao todo da foto. Ela se encontra no canto direito e do outro lado temos um grande espaço

vazio, um vão. Esse espaço vazio nos conota algo que ainda deve ser preenchido. Algo que está carente, oco, ausente. Temos então sentimentos de perda, nostalgia e saudade ligados à essa mulher.



Figura 5 – Quarta Fotografia do Editorial, 2010.

Significantes Plásticos	Significados
Quadro (moldura)	Ausente, fora de campo: Ilimitado.
Enquadramento	Fechado: proximidade, detalhe.
Ângulo da tomada	Frontal, espectador no mesmo nível do objeto fotografado: Diálogo.
Formas	Linhas curvas, arredondadas: Movimento, feminilidade, leveza.
Cores	Frias: Leveza, tranquilidade, liberdade. Dessaturadas: Melancolia, doce tristeza, frieza.
Iluminação	Artificial, difusa, ilumina a cena de forma irregular: Fantasia.

Significantes Icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
Mulher	Mulher	Guerreira, resistente.
Cabelo	Cabelo	Volumoso mas sem movimento, forte, intenso.

Ossos	Magreza	Insuficiente, frágil, quebradiço, delicado, pouco estável, efêmero.
Pele	Pele nua	Simples, sutil, carente.
Pose da modelo	Cabeça baixa	Reflexão, tristeza.
Olhar	Olhar para o lado	Desconfiado, temeroso.
Ilustração	Pássaro com asas para baixo	Relação entre o céu e a terra, presságio, leveza, liberdade, alma que se liberta do corpo, inteligência, instáveis.

Quadro 4

O enquadramento nesta foto é fechado. Aproxima assim o espectador do objeto fotografado revelando detalhes ainda não vistos. Desta vez as linhas curvas e arredondadas dominam a fotografia. Movimento, feminilidade e leveza. Como se o lado feminino desta mulher estivesse mais aflorado. O cabelo da modelo nesta fotografia se assemelha com o cabelo da foto anterior sendo este um pouco menos volumoso mas ainda estático. Mantendo as noções de intensidade e vivacidade. Essa permanência do volume mostra que a força que cresceu dentro dela ainda está viva. Nesta fotografia, assim como na anterior, a mulher já não está tão desprovida de disfarce, pois ela tem em cima de seus olhos um pássaro ilustrado. A noção de pele nua então vai nos remeter a algo simples e carente. Nesta fotografia, vale falar sobre a pose da modelo. Apesar de não vermos ela por completo a impressão que temos é que ela está sentada. Com as costas bem curvadas e com a cabeça voltada para baixo. Essa expressão corporal especialmente por causa do posicionamento da cabeça para baixo nos remete a alguém que está pensando, tendo reflexões e está com dificuldades sobre isso. Temos então o sentimento de tristeza pairando sobre essa mulher. Outro fato importante dentro da expressão corporal da modelo é o olhar dela. Apesar de só vermos um de seus olhos este não se encontra voltado para baixo e sim para o lado novamente olhando de canto. Conotando as mesmas noções da fotografia anterior com relação ao olhar. Desconfiado, temeroso. Assim como na primeira fotografia do editorial nesta encontramos também uma ilustração aplicada à foto. Que se encontra em parte da cabeça, testa e olho da modelo. Se trata de um pássaro também estilizado com suas asas voltadas para baixo sem muito volume. Jean Chevalier em seu dicionário de símbolos explica conotações ligadas à esse símbolo.

CHEVALIER (1982, p.687):

O vôo dos pássaros os predispõe, é claro, a servir de símbolos às relações entre o céu e a terra. Em grego, a própria palavra foi sinônimo de presságio e de mensagem do céu. É essa a significação dos pássaros no taoísmo, onde os Imortais adotam a forma de aves para significar a leveza, a liberação do peso terrestre. Os sacrificadores ou as dançarinas rituais são freqüentemente qualificados, pelos brâmanes, de pássaros que levantam vôo para o céu. Na mesma perspectiva, o pássaro é a representação da alma que se liberta do corpo, ou apenas o símbolo das funções intelectuais. [...] A leveza do pássaro comporta, entretanto, como acontece freqüentemente, um aspecto negativo. São João da Cruz vê nela o símbolo das operações da imaginação, leves, mas sobretudo instáveis, esvoaçando de lá pra cá, sem método e sem seqüência; o que o budismo chamaria de distração ou pior ainda, de divertimento.



Figura 6 – Quinta Fotografia do Editorial, 2010.

Significantes Plásticos	Significados
Quadro (moldura)	Ausente, fora de campo: Ilimitado.
Enquadramento	Meio corpo: Parcial proximidade, detalhe.
Ângulo da tomada	Frontal, espectador no mesmo nível do objeto fotografado: Diálogo.
Formas	Formas agudas, linhas retas: Imponente, viril, agressiva masculino, resistente. Linhas curvas, arredondadas: Leveza, movimento e feminilidade.

Cores	Frias: Leveza, tranqüilidade, liberdade. Dessaturadas: Melancolia, doce tristeza, frieza.	
Iluminação	Artificial, difusa, ilumina a cena de forma irregular: Fantasia.	
Significantes Icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
Mulher	Mulher	Guerreira, resistente.
Cabelo	Cabelo	Desgrenhado, revoltado, desordenado, confuso.
Pele	Pele nua	Sem disfarce, simples, sutil, carente.
Magreza	Magreza	Insuficiente, frágil, quebradiço, delicado, pouco estável, efêmero.
Pose da modelo	Costas curvadas e um dos braços junto com a mão perto do rosto	Retraída, recolhida.
Olhar	Olhar para o lado	Desconfiado, temeroso.
Máscara fora do rosto	Acessório	Libertação, revelação, transformação.
Pulseiras	Acessórios	Agressividade, proteção, estilo.
Ilustração	Garras	Prender, agarrar, controlar, dominar, violento.

Quadro 5

Percebe-se que o enquadramento de todas as fotografias do editorial é quase que igual sempre. Oscila muito pouco entre o enquadramento fechado e o parcialmente fechado. Apesar de serem um pouco diferentes eles conotam as mesmas noções. Proximidade e detalhe. Nesta foto ele é parcialmente fechado. As formas também costumam oscilar pouco em cada fotografia. Temos linhas curvas, formas arredondadas, agudas e linhas retas. Em algumas as linhas curvas, e formas arredondadas estão mais evidentes em outras as formas agudas e linhas retas são mais presentes. Nesta fotografia temos quase que equivalente esses opostos juntos. Formando assim um sistema de oposição entre linhas curvas/arredondadas em contrapartida com as linhas retas/agudas. É como se fosse o feminino e o masculino que essa mulher tem dentro dela duelando. O cabelo da modelo nesta fotografia apesar de ainda estar volumoso e estático agora ele aparece desgrenhado. Com essa percepção conseguimos conectar á isso que há uma certa confusão, desordem acontecendo com essa mulher. O olhar da modelo aparece similar ao olhar anterior. Sendo que desta vez, os dois olhos aparecem com clareza. Eles estão indo em direção ao lado direito mas olhando de canto de olho. Conotando as mesmas noções de estar desconfiada e temerosa. A modelo se encontra com suas costas curvadas e um dos

braços junto com a mão perto do rosto dela. Isso indica que esta mulher ainda está retraída, recolhida em si. O símbolo “máscara” aparece novamente dentro do editorial. Só que desta vez ele aparece composto de outra forma. Além de ser uma máscara totalmente diferente da que vimos na figura três ela não está mais cobrindo o rosto da modelo ela foi utilizada na cabeça dela como se deixasse de ser uma máscara e passasse a ser um acessório. Mas não somente um acessório qualquer afinal ela ainda é uma máscara. Uma máscara fora do rosto. Isso significa então uma vontade de se libertar, de se revelar, de se transformar. Ela não precisa mais da máscara como algo para se proteger, disfarçar, esconder. Ela não precisa mais sair da realidade. Outro item que temos também nesta fotografia são as pulseiras que se encontram no braço da modelo que está á mostra. São várias pulseiras douradas de rebites uma bem junta da outra. Os rebites lembram o formato de uma pirâmide. Aguda na ponta. Dando noção de masculinidade. São muito utilizados nas vestimentas do estilo punk. Remetendo à algo agressivo mas ao mesmo tempo protetor por parecer fazer parte de uma armadura. Notamos então que nesta fotografia a mulher está se rebelando e se revelando mas protegida para não se ferir. Temos também assim como na fotografia anterior ilustrações na foto. Que se encontram saindo das costas da modelo. Se tratam de garras. Garras saindo das costas dela. Essas garras nos conotam a noção de algo violento. Prender, agarrar, controlar, dominar algo é isso que essa mulher pretende com essas garras.



Figura 7 – Sexta Fotografia Do Editorial, 2010.

Significantes Plásticos	Significados
Quadro (moldura)	Ausente, fora de campo: Ilimitado.
Enquadramento	Fechado: proximidade, detalhe.
Ângulo da tomada	Frontal, espectador no mesmo nível do objeto fotografado: Diálogo.
Formas	Formas agudas, linhas retas: Imponente, viril, agressiva, majestosa, resistente. Linhas curvas, arredondadas: Movimento, feminilidade e leveza.
Cores	Frias: Leveza, tranquilidade, liberdade. Dessaturadas: Melancolia, doce tristeza, frieza.
Iluminação	Artificial, difusa, ilumina a cena de forma irregular: Fantasia.

Significantes Icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
Mulher	Mulher	Guerreira, resistente.
Cabelo	Cabelo	Volumoso mas sem movimento, forte, intenso.

Olhar	Olhar de forte expressão	Focado, intenso, marcante.
Ossos	Magreza	Insuficiente, frágil, quebradiço, delicado, pouco estável, efêmero.
Pele	Pele nua	Sem disfarce, simples, sutil.
Rosto da modelo	Rosto exótico	Formas pontiagudas: excêntrico, fora dos padrões, incomum, singular, marcante.
Ilustração	Dois pássaros com suas asas abertas	Força duplicada, leveza, liberdade, inteligência.

Quadro 6

O enquadramento fechado destaca detalhes do rosto e ombro da modelo. Nesta fotografia temos muito mais formas agudas e linhas retas do que linhas curvas e formas arredondadas. Deixando à vista que esta mulher que na fotografia anterior estava em um duelo dentro de si (masculino [linhas retas/agudas] x feminino [linhas curvas]) agora não está mais. Ela se encontra totalmente imponente, viril, agressiva, majestosa e resistente. O cabelo da modelo se modificou em relação à fotografia anterior. O que estava desgrenhado está volumoso novamente e ainda estático. Dando-nos noções de que houve uma transformação nesta mulher. Ela está mais forte, mais intensa mais viva. O olhar desta mulher também se modificou. Agora ele está forte, intenso, focado e marcante assim como ela. Nesta fotografia, percebemos com grande clareza os traços pontiagudos do rosto da modelo. O que se encaixa completamente com as formas que encontramos nas fotografias. Seu rosto é viril, imponente, agressivo. Trata-se de um rosto exótico. Incomum, fora dos padrões tidos como normais. É singular. Algo que não encontramos com facilidade. Marcante. Assim como na fotografia anterior temos nesta também ilustrações. Que se encontram em volta do olho esquerdo da modelo subindo para a testa, cabelo e descendo para a maçã do rosto. Se trata novamente do símbolo “pássaro”. Que apareceu anteriormente na figura cinco também ilustrado de forma estilizada. Mas desta vez são dois pássaros muito próximos um ao outro. Se olharmos rapidamente, sem muita atenção este detalhe passará despercebido. Eles estão tão juntos que parecem um só. Esta noção de ser “dois pássaros em um”, dois pássaros fazendo o que um faz, nós conota uma força duplicada, uma liberdade e leveza inteligente. Como se o pássaro da figura cinco também tivesse se transformado junto com esta mulher. Ficando muito mais forte, poderoso. Outra diferença desta ilustração

para a ilustração da figura cinco são as asas. Elas aparecem nesta foto abertas. Prontas para voar.

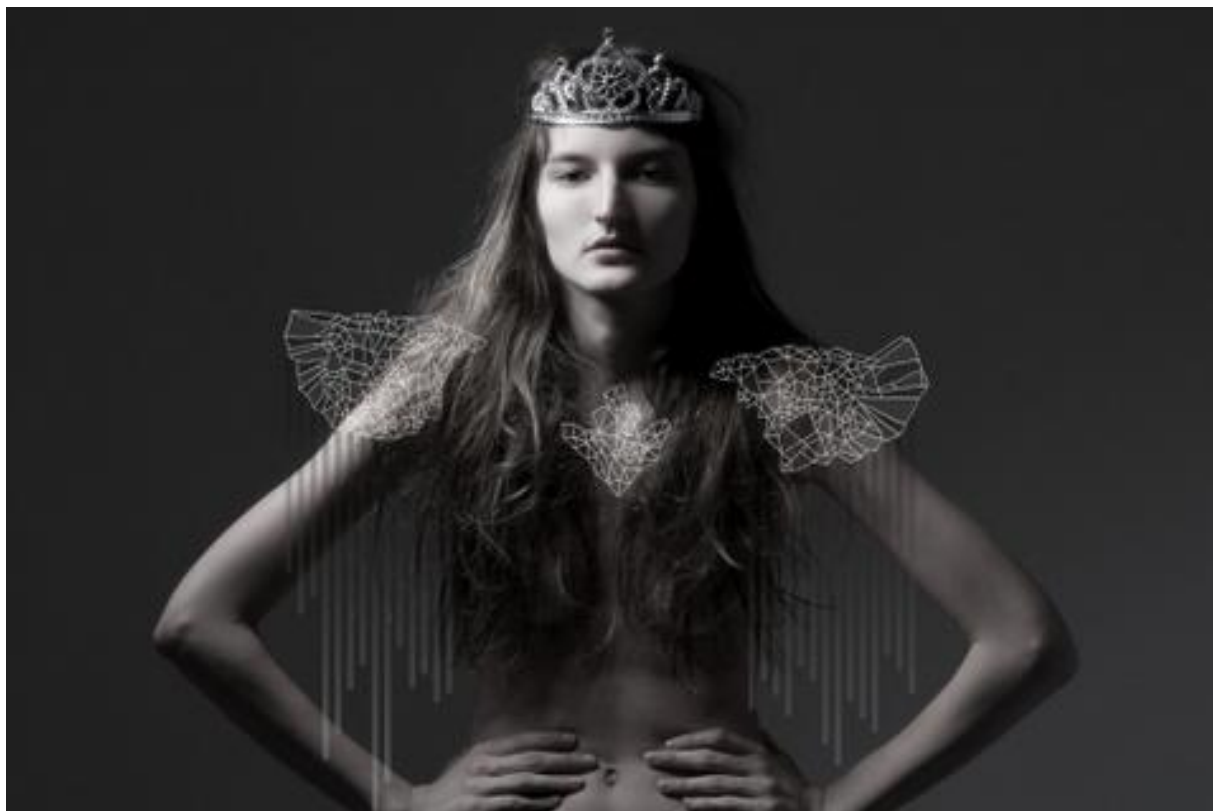


Figura 8 – Última Fotografia Do Editorial, 2010.

Significantes Plásticos	Significados
Quadro (moldura)	Ausente, fora de campo: Ilimitado.
Enquadramento	Meio corpo: Parcial proximidade, detalhe.
Ângulo da tomada	Frontal, espectador no mesmo nível do objeto fotografado: Diálogo.
Formas	Formas agudas, linhas retas: Imponente, viril, majestosa, resistente.
Cores	Frias: Leveza, tranqüilidade, liberdade. Dessaturadas: Melancolia, doce tristeza, frieza.
Iluminação	Artificial, difusa, ilumina a cena de forma irregular: Fantasia.

Significantes Icônicos	Significados de primeiro nível	Conotações de segundo nível
Mulher	Mulher	Guerreira, resistente.
Cabelo	Cabelo	Volumoso sem movimento, forte, maduro, completo.
Magreza	Magreza	Insuficiente, frágil, quebradiço, delicado, pouco estável, efêmero.
Olhar	Olhar tête-à-tête	Completo, pleno.
Pele	Pele nua	Sem disfarce, simples, sutil.
Pose da modelo	Mãos na cintura de forma angulosa	Imponente, majestosa, poderosa.
Coroa	Coroa	Realização bem-sucedida, perfeição, imortal, dignidade, poder, soberania absoluta, elevação, iluminação, evolução espiritual.
Ilustrações	Ombreiras / Diamante / Linhas retas na vertical	Ombreiras: Imponente, agressivo, proteção, estilo. Diamante: Dureza, limpidez, luminosidade, clareza, irradiação, glória, perfeição, maturidade, imortalidade. Linhas retas na vertical: integridade, justiça, equilíbrio

Quadro 7

O enquadramento desta vez aparece parcialmente fechado. Destacando o “meio corpo” todo da modelo. Mantendo a soberania das formas agudas e linhas retas, nesta fotografia não temos linhas curvas e arredondadas. Podemos observar então, que ao longo do editorial as formas que no começo eram mistas (linhas retas/agudas x linhas curvas) foram sumindo e as formas agudas e retas tomando conta aos poucos das fotografias. Percebemos assim, uma evolução no que antes era misto e agora é pleno (linhas retas, formas agudas). Mostra que esta mulher que antes era dúbia se tornou específica. Agora é totalmente imponente, viril, resistente e majestosa. O cabelo se mantém da mesma forma da fotografia anterior. Novamente, olhando as fotografias do editorial desde o começo até a última, notamos que neste elemento também existia a ambigüidade de cabelos esvoaçantes/leves, elétricos, estáticos, volumosos, desgrenhados que agora foi solucionada. Ele passa por todas estas etapas até se tornar o que estamos vendo nesta fotografia. Ele está volumoso sem movimento. Está forte, maduro, completo. O olhar desta mulher se mantém forte, focado como na fotografia anterior mas agora está tête-à-tête ao espectador. Está mais suave e ao mesmo tempo pleno, completo. A pose da modelo nesta fotografia é bem relevante.

Chama atenção por estar com as mãos de forma muito aguda e ereta na cintura na altura do umbigo. Temos novamente as formas agudas e retas permeando esta fotografia. Nos dando a noção de que esta mulher está finalmente completamente imponente, majestosa, poderosa. Temos nesta fotografia também ilustrações e intervenções digitais que aparece somente nesta última fotografia. São três ilustrações. Duas ombreiras estilizadas cada uma em um ombro. Essas ombreiras deixam a mulher mais imponente, agressiva e ao mesmo tempo a protege. Como se fosse parte de uma armadura assim como na figura cinco acontece com as pulseiras. Sem deixar de falar também que as ombreiras estão de volta à moda então elas significariam também estilo. A outra ilustração que temos nesta fotografia é novamente o símbolo “diamante” que apareceu também na primeira fotografia deste editorial. Nesta fotografia o diamante se encontra no meio do colo da modelo e apesar de terem sido ilustrados de formas diferentes continuam conotando a mesma coisa. Dureza, limpidez, luminosidade, clareza, irradiação, glória, perfeição, maturidade, imortalidade. É como se esta mulher finalmente teria absorvido todas as conotações que esse diamante passa. Vemos também um outro tipo de intervenção digital que são linhas retas na vertical que saem de ambas ombreiras indo para baixo. Estas linhas são branco translúcido que faz com que elas se misturem com a fotografia deixando-as somente como um detalhe a mais. As linhas retas verticais conotam sentido de integridade, justiça e equilíbrio. É como se a mulher que vem sendo retratada neste editorial finalmente tivesse encontrado o equilíbrio dentro de si. Temos também nesta fotografia o símbolo “coroa”. Que está em cima da cabeça da modelo. Jean Chevalier em seu livro dicionário de símbolos detalha esse símbolo dentro de diversos mitos e costumes.

CHEVALIER (1982, p.289):

O simbolismo da coroa fica a depender de três fatores principais. Sua colocação no alto da cabeça lhe confere um significado supereminente: ela participa não só dos valores da cabeça, cimo do corpo humano, mas dos valores do que sobrepuja a própria cabeça, um dom vindo de cima; ela assinala o caráter transcendente de uma realização qualquer bem-sucedida. Sua força circular indica a perfeição e a participação da natureza celeste, de que o círculo é símbolo. Ela une, na pessoa do coroado, o que está abaixo dele e o que está acima, mas fixado os limites que, em tudo que não é ele, separam o terrestre do celestial, o humano do divino. Recompensa de uma prova, a coroa é uma promessa de vida imortal, a exemplo da vida dos deuses. [...] Concebe-se, desde logo, que a coroa simboliza uma dignidade, um poder, uma realeza, o

acesso a um nível e a forças superiores. Quando ela termina em forma de domo, afirma uma soberania absoluta. [...] A coroa foi, outrora, ornada de pontas que ffiguravam, como os cornos, raios de luz.

Feita a análise de todas as fotografias deste editorial, podemos concluir que ele fala sobre a mulher. A mulher e seus altos e baixos. Sobre lidar com seus medos e angustias. Sobre refletir e finalmente se tornar plena em si mesma. Ao longo das fotografias vemos uma mulher que se transforma. Uma mulher que era confusa, ambígua e aos poucos se tornou completa, inteira, plena. Esse sentido de transformação só é percebido por causa da ordem em que as fotografias do editorial se encontram. Se elas estivessem em outra ordem provavelmente surgiriam outras conotações ou elas se modificariam.

Podemos sintetizar o ensaio fotográfico também aplicando o quadro de Barthes “Sistema Semiológico Segundo”.

Significante: ensaio fotográfico conceitual composto de sete fotos.	Significado (sentido denotativo): sete papéis fotográficos em que cada papel contém uma fotografia digital impressa.
Significante => Forma	Significado Conceito (sentido conotativo): “No bird can fly without wings” atribuí a idéia da mulher, sua força, seus medos, e sua garra para se tornar plena em si.

Quadro 8

Ao fim desta análise, pude perceber também que, apesar de ter sido um ensaio feito com calma e escolhas muito conscientes ainda sim percebemos conotações que no momento em que estávamos discutindo sobre o conceito do ensaio junto com os

outros profissionais e depois produzindo ele não pensamos. Conotações que ficaram no nosso inconsciente e que depois desta análise foram à tona.

Colocando uma utilidade para o editorial, que não seja a de ser um editorial fotográfico conceitual, poderia ser facilmente utilizado como uma referência para uma campanha de jóias em que elas seriam o destaque da fotografia juntamente com a modelo e as ilustrações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de todo este trabalho pude perceber com mais veracidade a fotografia e tudo que há por trás dela. Desde a concepção dela passando pela produção em si da fotografia e indo para a produção de sentido.

Os embasamentos teóricos utilizados neste estudo foram fundamentais para uma melhor compreensão. Roland Barthes, em suas reflexões, fala sobre a fotografia. Sobre ela ter um fim maior do que simplesmente ser vista. Ela precisa passar por algumas etapas para ser realmente concluída. Precisa ser interpretada por um espectador e depois disso manifestar algo nele. Quando Barthes fala sobre o processo de conotação deixa claro que o sentido conotativo das imagens é mais evidente do que os significantes contidos na fotografia.

O grande papel da fotografia e de quem a faz/produz ela é conseguir fazer com que o espectador observe ela e não somente olhe. Que ela cause algum tipo de reflexão, emoção. Que produza sentido.

A obra de Martine Joly funcionou como um guia para as análises, delimitando tudo o que se deve considerar quando estamos analisando imagens. Sempre lembrando que por mais que às vezes pareça simples analisá-las isso demanda muito repertório e estudo para enfim chegar a uma interpretação concisa.

No caso do ensaio fotográfico analisado, as fotografias foram concebidas e embasadas por um conceito, uma concepção antes de serem realmente fotografadas. Assim, observamos claramente que elas têm uma unidade. Elas “conversam” entre si. Se completam. A iluminação, as cores, o quadro, o ângulo de tomada, são sempre os mesmos. E é isso que dá uma unidade ao ensaio. Deixando ele sempre com a mesma linguagem.

O título que o ensaio carrega “No bird can fly without wings” não resume e nem traduz por completo o conceito do ensaio e sim soma mais uma conotação a ele. E é exatamente isso que queríamos. Que o título não traduzisse nem limitasse o espectador de pensar o que ele quisesse.

Norval Baitello fala muito bem sobre a sociedade em que nos encontramos. Na sociedade que recebe diariamente milhares e milhares de imagens por dia e acaba por ver tanta coisa que começa a não assimilar nada. Começa a não observar nada. A

olhar e não ver! E é isso que quero trazer à tona. A partir de um ensaio fotográfico diferenciado, buscar de volta o observar, o refletir, o imaginar, o pensar, o desfrutar das imagens, o se envolver. O “sentir algo” através das imagens. Conseguir passar para as pessoas que olharem este ensaio algum sentimento, alguma reflexão, alguma beleza seja lá qual for ela.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Guia do Ilustrador**. Disponível em <www.guiadoilustrador.com.br>. Acesso em: 19 set. 2010.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, Roland. A mensagem publicitária. In:_____ **“A aventura semiológica”**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARTHES, Roland. A cozinha dos sentidos. In:_____ **“A aventura semiológica”**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 2003.
- BAITELLO, Norval. **A era da iconofagia**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- BAURET, Gabriel. **A fotografia**: histórias, estilos, tendências e aplicações. Lisboa: Edições 70, 1992.
- CESAR, Newton. PIOVAN, Marcos **Making of**: revelações sobre o dia-a-dia da fotografia. São Paulo: Futura, 2003.
- CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.